

Aula 9

A POLARIZAÇÃO POLÍTICO- IDEOLÓGICA DOS ANOS 1930 E O ESTADO NOVO

META

Refletir sobre o autoritarismo presente nos anos 1930/1940 no Brasil, tomando o filme Olga, de Jayme Monjardim, como elemento motivador para a denúncia das arbitrariedades e da repressão policial do período.

OBJETIVOS

Compreender o filme Olga no jogo das identidades e da composição da memória histórica nacional; Situar a trajetória revolucionária de Olga Benário no epicentro da história das décadas de 20 e 40 do século XX; Questionar a representação banalizada da violência na cinematografia sobre o Holocausto.

PRÉ-REQUISITOS

Leitura do discurso de Getúlio Vargas, O Estado Novo e as classes trabalhadoras, no dia 1º de maio de 1938, no Palácio Guanabara, na Aula 8.

Antônio Fernando de Araújo Sá

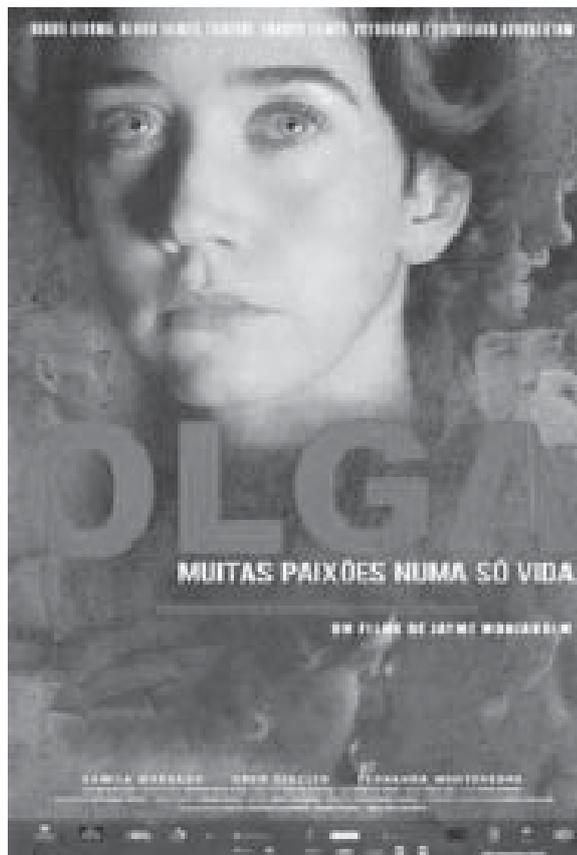
INTRODUÇÃO

Caro aluno, estamos aqui novamente para mais uma aula desta disciplina. Na aula passada, estudamos a Revolução de 1930, enfocando a sua importância para História do Brasil. Para isso, confrontamos as idéias de três historiadores presentes no documentário de Silvio Back sobre esse fato.

Durante o Ensino Médio, você estudou vários episódios da História do Brasil, e, provavelmente, a instalação do Estado Novo pelo presidente Getúlio Vargas, com sua política autoritária.

Nesta aula, vamos transitar, num primeiro momento, por alguns desdobramentos da Revolução de 1930, que são fundamentais para situá-lo no contexto histórico das décadas de 1930 e 1940, a fim de que você possa compreender melhor as questões presentes no filme Olga. No segundo momento, vamos tecer alguns comentários sobre o conteúdo do filme, considerando as posições de alguns críticos e cineastas, num confronto entre a realidade histórica e as imagens cinematográficas.

Mas antes, é fundamental que você assista ao filme Olga e leia o discurso de Getúlio Vargas que está no final da Aula 08.



Cartaz do filme Olga. (Fonte: <http://www.adorocinemabrasileiro.com.br/filmes/olga/olga-poster02.jpg>).

OS FATOS

Como vimos na aula anterior, há relativo consenso entre os historiadores de que a ruptura institucional de 1930 representou um novo equilíbrio das classes dominantes regionais, em consequência da quebra da coesão das antigas oligarquias e do remanejamento dos quadros políticos da Primeira República. Isto aconteceu como consequência do desenlace da própria inserção do Brasil nos quadros do capitalismo internacional, ao expressar a necessidade de reajustar a estrutura do país, cujo funcionamento voltado essencialmente para um único gênero de exportação se tornava cada vez mais precário.

A maioria dos historiadores também concorda que, nos anos 1930, os trabalhadores urbanos se fizeram presentes de forma mais intensa no cenário político brasileiro. Mas essa presença nem sempre foi ativa ou decisiva, senão, muitas vezes, objeto de manobras e negociações com as novas elites. Diante da pressão dos trabalhadores urbanos, o Estado desenvolveu uma política de racionalização dos conflitos de classe, através da criação do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, cujo ministro era Lindolfo Collor. Esse ministério serviu como elemento de legitimação para a consolidação do Estado estabelecido em 1930, na medida em que o mito da “doação” da legislação trabalhista por Vargas tornou-se importante instrumento de agregação da classe operária. Para atingir seu objetivo de novas formas de controle social, de um lado, a burocracia ministerial tratou de estabelecer canais de negociação, fazendo concessões, mas, ao mesmo tempo, investiu esforços para destruir as organizações independentes e autônomas.

É interessante notar que o Estado e o aparelho burocrático civil e militar conquistaram, paulatinamente, certa autonomia perante os vários setores da classe dominante. Disso resultou a experimentação de novas formas de organização nacional em que se acentuou o conflito entre o poder dos estados e o poder central, ou seja, entre o regionalismo e a centralização. O exemplo mais evidente ditou contra a forma de exercício do governo no período de 1930-1934, baseado nos decretos-leis. Foi somente com a pressão dos grupos regionais de poder, especialmente São Paulo e parte da oligarquia gaúcha, que foram convocadas as eleições de 1933 para a Assembleia Constituinte (ALMEIDA JR. & MARANHÃO, 1981).

Como desdobramento da reconstitucionalização, podemos observar um processo de radicalização e polarização político-ideológica entre a direita e a



Revolução Constitucionalista de 1932. São Paulo (SP) – (Fonte: www.cpdoc.fgv.br - Yasuhiko Nakamura).



Cartaz da Revolução Constitucionalista, 1932. São Paulo (SP). (Fonte: www.cpdoc.fgv.br - Roberto Costa).

esquerda, com a formação dos movimentos integralista e da Aliança Nacional Libertadora (ANL). De um modo geral, essas tendências ideológicas expressavam “a exteriorização de inconformidades sociais, temor de proletarização e agravamento das condições de vida das camadas populares urbanas e dos pequenos proprietários rurais” (PESAVENTO, 1991, p. 45). Ao mesmo tempo, a intensa produção intelectual dos anos 1930 tinha em comum a inquietação, o ceticismo e o antiliberalismo, seja daqueles ligados à direita ou à esquerda. O conteúdo dessa inquietação pode ser percebido pelas transformações mundiais que punham em questão os esquemas tradicionais da política.

Antônio Pedro Tota (1987) lembra que a plataforma política da Aliança Nacional Libertadora era de caráter progressista, atraindo setores operários, parcelas da classe média e setores da baixa oficialidade do Exército, ao reivindicar a reforma agrária, o cancelamento das dívidas externas, a nacionalização das empresas estrangeiras, o salário mínimo etc. A adesão à ANL e o crescimento da popularidade do Cavaleiro da Esperança, como era conhecido Luís Carlos Prestes, fizeram com que os setores mais conservadores do Exército, tendo à frente Góis Monteiro, reivindicassem um golpe de Estado. Não podemos esquecer que os integralistas também propunham a violência como arma política na exigência de um Estado forte e autoritário.

A aprovação da Lei de Segurança Nacional pelo Congresso Nacional, em 4 de abril de 1935 já indicava o fechamento do regime. Depois do fracasso do levante comunista de 1935 foram dadas as condições necessárias para a repressão dos setores oposicionistas ao governo, o que resultou na depuração da elite civil e militar proveniente de 1930, com a anuência do Congresso Nacional. Deste modo, parte expressiva dos aliados de 1930 foi-se afastando de Vargas, o que resultou numa ditadura assentada num discurso técnico-burocrático em que o exercício do poder prescindia do



Comício da Aliança Nacional Libertadora. (Fonte: <http://www.anovademocracia.com.br/pag1718.jpg>).

Legislativo, terreno e domínio das oligarquias regionais.

Por outro lado, a deflagração de mecanismos de exceção tornou a Carta Constitucional de 1934, praticamente, letra morta. Com o apoio do Exército e dos integralistas na repressão aos opositores de esquerda e o esvaziamento das **eleições** de 1938 por parte de Vargas, pavimentara-se o caminho para o golpe de 1937.

No confronto dos diferentes projetos que disputavam o jogo político, percebemos um momento

de efervescência e engajamento político, religioso e social, estruturando interpretações da vida política como um todo e dos fatos em particular, segundo visões e conveniências de cada um. Deste modo, no cenário cultural houve uma interpenetração das ideologias políticas e religiosas na produção literária. Havia intelectuais que adotaram uma postura esquerdista, simpática ao marxismo e ao comunismo, mas também encontramos aqueles que optaram pela defesa do fascismo.

Os intelectuais de esquerda se aproximaram do ideário marxista e de certo espírito de radicalismo, que desembocou na mobito foi a Revolta Constitucionalista de 1932, que se levam mobilização da Aliança Nacional Libertadora e depois na simpatia ao levante de 1935. Havia um interesse sobre a experiência da União Soviética e brotavam livros sobre o anarquismo, marxismo, sindicalismo e movimento operário. É nesta época que surgem os primeiros livros brasileiros de orientação marxista, como o de Castro Rebelo (Mauá) e o de Caio Prado Júnior (Evolução Política do Brasil), favorecendo a incorporação por parte de intelectuais de noções como luta de classes, mais-valia, espoliação, moral burguesa, proletariado. Do conjunto de intelectuais assumidamente de esquerda, destacamos os nomes de Dionélio Machado, Jorge Amado, Graciliano Ramos, Raquel de Queiroz, Oswald de Andrade, Aparício Torelly, entre outros (CÂNDIDO, 1987, p. 188-190).

Entre esses intelectuais, destacamos a obra desse último, mais conhecido como Barão de Itararé, que enfrentou de forma ativa os percalços da crise de hegemonia e a polarização político-ideológica através de sua atividade político-jornalística, seja na imprensa partidária ou no jornal *A Manhã*. Sua irreverência cáustica ante os poderosos custou-lhe algumas apearreações com a polícia e grupos paramilitares, quando apelidou Góis Monteiro como “Gás Morteiro” ou, a partir de 1933, em sua campanha antifascista contra a postura antidemocrática dos seguidores de Plínio Salgado. A princípio, com seu bom humor, ele pensou em aderir ao integralismo, pois ouviu o lema “a Deus, Pátria e Família”, pensando que era “adeus, Pátria e Família”. Em 1934, ao glorificar a revolta dos marinheiros liderada por João Cândido, em 1910, através de artigos no *Jornal do Povo*, que dirigia, o Barão experimentou a fúria integralista, sendo seqüestrado e espancado por seis oficiais da Marinha. O seqüestro repercutiu na imprensa e o comandante Norton Demaria Boiteux telegrafou ao Barão, solidarizando-se com ele. Em 1935, ele é preso por ser um dos fundadores da Aliança Nacional Libertadora (ANL), sendo libertado somente no final de 1936 (KONDER, 1983).

No outro espectro ideológico, o engajamento espiritual e social dos



intelectuais católicos traduziu, na sua produção literária, idéias como essência, sentido, vocação, mensagem, transcendência e drama presentes em obras como a de Otávio Faria, Lúcio Cardoso, Cornélio Pena, Jorge de Lima, Murilo Mendes, entre outros. O espiritualismo católico dos anos 1930 simpatizou, muitas vezes, com as soluções políticas de direita, e mesmo fascistas. Assim, devemos compreender o crescimento do movimento integralista

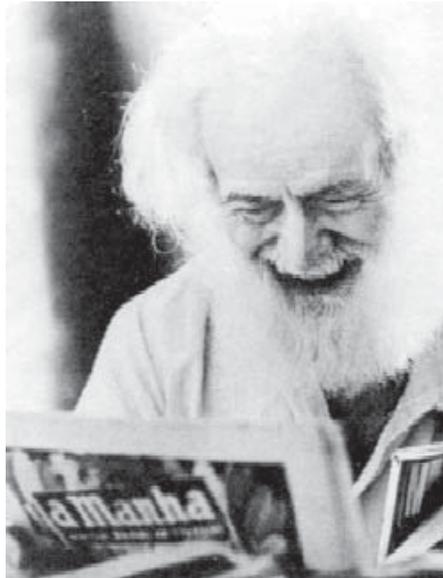


Ação Integralista Brasileira: Plínio Salgado e seus correligionários fazendo o anauê, saudação integralista. (Fonte: <http://br.geocities.com>).

no Brasil tanto como influência direta da ascensão do fascismo na Europa, quanto das condições internas oriundas da crise de hegemonia que se seguiu à Revolução de 1930, propiciando uma aproximação com setores das camadas médias urbanas por sua defesa de valores como pátria, propriedade, tradição e família. Também não podemos esquecer que os integralistas buscaram inspiração nas raízes nacionais para a construção de seus símbolos e ritos. Seu ideário era uma resposta ao desafio brasileiro de ausência de espírito público, pregando a unificação da nação através de um Estado forte (TRINDADE, s/d).

Aliás, o ideário autoritário e antiliberal expressava preocupação com a integração política das massas através do Estado, o que foi concretizado no Brasil com a implantação do Estado Novo, em 10 de novembro de 1937. Tal ideário propunha um Estado forte, dirigido por um líder carismático, o que guardava certa simpatia com os casos dos Estados totalitários na Itália de Mussolini e na Alemanha de Hitler. Porém, apesar de aparentes similitudes e simpatias entre o regime autoritário implantado por Vargas e os Estados nazi-fascistas, percebe-se que são sistemas políticos distintos, na medida em que não consideramos o Estado Novo nem totalitário, nem fascista, mas sim autoritário, pois nem os próprios ideólogos do regime tinham definição unívoca sobre ele (FALCON, 1991: p. 29-43).

Para enfrentar esses anos marcadamente autoritários e sérios, o Barão de Itararé afirmou que o Estado Novo é o estado a que chegamos. Neste embate contra todos os autoritarismos presentes no cotidiano da sociedade brasileira de seu tempo, o Barão inaugurou uma tradição do humor brasileiro, em que o humorista se afirma como opositor de qualquer regime de dominação do homem sobre o homem. Essa força libertária do humor não poupa ninguém, nem mesmo o próprio humorista. Essa tradição serve para nos lembrarmos de nossas vicissitudes em relação às liberdades democráticas ou mesmo a incompatibilidade de se viver no Brasil segundo a sã doutrina do Barão: “Viver às claras, aproveitando as gemas e economizando as cascas”.(SÁ, 1995, p. 4).



Aparício Torelly, o Barão de Itararé, e sua publicação A Manhã. (Fonte: <http://www.lixosfera.com>).

CINEMA E HISTÓRIA EM OLGA, DE JAYME MONJARDIM

O filme que retrata a trajetória da militante revolucionária, **Olga Benário**, foi construído a partir da biografia romanceada por Fernando Morais. Lançado no mercado cinematográfico pela Globo Filmes, em 2004, Olga pode proporcionar um interessante debate sobre o jogo das identidades e da composição da memória histórica nacional, na medida em que expôs as chagas do autoritarismo nos anos 1930/1940 no Brasil, marcado pelas arbitrariedades e pela repressão policial.

A concepção de história presente no filme segue a preocupação naturalista presente no cinema americano, em que a reconstituição da época é trabalhada com esmero, mobilizando numerosa equipe de artistas e técnicos para recriar cenários da Alemanha e Rússia no Brasil. Entre as locações escolhidas, destacamos o prédio do Ministério da Fazenda, no centro do Rio de Janeiro, que se transformou na sede da III Internacional Comunista, o Komintern, e a antiga fábrica Bangu, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, convertida em campo de concentração. Assim, o filme retrata, de forma consistente, acontecimentos marcantes da primeira metade do século XX, no mundo e no Brasil, como, por exemplo, a política do Komintern, o nazismo, a Primeira e a Segunda Guerra Mundial e, no caso brasileiro, a atenção especial com a Coluna Prestes, a tentativa de tomada do poder pelos comunistas em 1935 e a implantação da ditadura estado-novista, em 1937. Registre-se que, além do belo trabalho cenográfico, que inclusive reconstituiu cenas de neve no sol escaldante de Bangu, um dos bairros mais quentes

Ver glossário no final da Aula

do Rio de Janeiro, a fotografia conseguiu capturar, nesta mesma fábrica, a atmosfera de claustro dos campos de concentração com a brilhante atuação de Camila Morgado no papel de Olga.

Todavia, não houve o destaque merecido no que se refere à importância da Aliança Nacional Libertadora e ao caráter de frente antifascista das decisões da Internacional Comunista em Moscou.

Talvez porque a construção da narrativa cinematográfica não tenha recaído no drama político que os personagens principais da trama – Olga e Luís Carlos Prestes – vivenciaram em suas vidas, mas na história íntima da paixão e do amor entre eles, quando da vinda do casal ao Brasil para preparar a insurreição de 1935. A opção estética pelo drama romântico de forte apelo popular, deixando o contexto histórico-político num plano secundário, pode ter duas razões: a preocupação com o grande público ou a trajetória de Jayme Monjardim, diretor de novelas e mini-séries para a televisão.

Sob este ângulo, o filme também oportuniza, no âmbito da história do cinema brasileiro, discutir a absorção da estética televisiva pelos filmes brasileiros, na medida em que seu diretor se destacou como um dos principais diretores de telenovelas e minisséries da TV Globo. Orçado em R\$10 milhões, o filme foi co-produzido pela Globo Filmes, sendo rodado na cidade do Rio de Janeiro, em locações e em estúdio. Em entrevista, à época da produção do filme, Monjardim fez as seguintes afirmações: “Quero comover o público com o que há de universal no drama dessa mulher”. Como opção estética ele completou: “Gosto que o espectador entre dentro do filme, por isso abuso do ‘close’. Quero ver o olho do ator, olhando bem de frente para a câmera” (COUTO, 2003). Convém observar que o escritor Fernando Moraes, cujo livro inspirou o filme, registrou seu apoio à versão romantizada de Olga por parte do diretor. Com essa estratégia de prevalência da linguagem televisiva, Olga

conquistou o público com grande sucesso de bilheteria.

Entretanto, a crítica especializada polemizou com essa opção, dizendo estar o filme mais próximo da linguagem televisiva do que da cinematográfica. A personagem foi moldada no clichê de “mulher de pedra”, prática recorrente na teledramaturgia. Para André Parente, a película segue a tendência da grande maioria dos filmes do chamado “cinema da retomada”, uma vez que eles não têm nada a ver com o cinema: “são apenas produtos”. Para a cineasta Suzana Amaral, o problema não é sua filiação à matriz televisiva, mas o tratamento dado pelo filme aos personagens de Olga e



(Fonte: <http://www.dhnet.org.br>).

Prestes, destituídos da importância histórica de suas biografias. Segundo Amaral, “ao vender a história e seus personagens, não deixa de ser um bom exemplo de manipulação dramática e cinematográfica” (ARANTES, 2004). O historiador Luiz Fernando Cerri também recorda que o complexo industrial da Rede Globo foi construído a partir das benesses da ditadura militar no Brasil, cumprindo uma clara opção ideológica de proximidade com a Doutrina de Segurança Nacional contra o avanço das esquerdas durante o processo de redemocratização nos anos 1980.

Em artigo escrito à época do lançamento do filme, Anita Leocádia Prestes (2004), filha de Olga Benário e Luis Carlos Prestes, traça uma imagem sobre sua mãe bastante próxima daquela construída pelo filme. Nascida numa família judia de classe média da Baviera, Olga se envolveu com os problemas sociais de sua época, através do escritório de advocacia de seu pai, Leo Benário, que defendia as causas trabalhistas dos operários de Munique. Desde cedo, tornou-se militante da Juventude Comunista, quando conheceu o militante Otto Braun, que a introduziu nas leituras clássicas do marxismo. Aos 16 anos, ela abandonou a casa paterna para acompanhar o companheiro na militância do bairro operário de Berlim. Em 1926, Olga foi presa, mas solta dois meses depois. Seu companheiro, entretanto, foi acusado de alta traição e permaneceu preso até que um grupo de militantes, tendo à frente a jovem revolucionária, libertou Otto da prisão.

A repercussão da ação armada fez com que o casal seguisse para Moscou, onde a militante revolucionária tornou-se dirigente da Internacional Comunista. Destacada para participar da segurança do revolucionário brasileiro Luís Carlos Prestes, em 1934, Olga Benário viajou com ele para o Brasil, passando a viver clandestinamente no Rio de Janeiro. Em março de 1935, Prestes era aclamado presidente de honra da Aliança Nacional Libertadora, que tinha como lema “Pão, Trabalho e Liberdade” e que mobilizou setores populares e de classe média contra o integralismo e o imperialismo. Cabia ao líder da Coluna Prestes-Miguel Costa liderar as jornadas revolucionárias em gestão no Brasil.

O malogro do levante de novembro de 1935 – uma resposta ao fechamento da Aliança Nacional Libertadora – desencadeou intensa repressão sobre o movimento



Fonte: <http://www.cecac.org.br>.



operário e sindical e militantes de esquerda, comunistas ou não. Em 5 de março de 1936, Prestes e Olga são presos, no subúrbio carioca do Méier, por agentes da polícia política liderada por Felinto Müller. Simpático à causa fascista, Müller guardava enorme rancor de Luiz Carlos Prestes por causa de sua expulsão da Coluna Prestes. Depois das prisões, Prestes e Olga não mais se viram. Enquanto Prestes seguiu preso nas masmorras da ditadura varguista, Olga, junto com Elise Ewert, foi extraditada de forma ilegal para a Alemanha nazista. Mesmo enfrentando o regime de isolamento na prisão, Olga deu a luz a Anita Leocádia Prestes, em novembro de 1936, motivando intensa campanha internacional para sua libertação dos campos de concentração nazista, liderada pela mãe de Prestes, Leocádia Prestes. A campanha não surte o efeito desejado, mas ao menos contribuiu para que a filha de Olga fosse entregue à avó paterna. Por ser comunista e judia, Olga sofreu duramente nas masmorras nazistas, vindo a falecer numa câmara de gás, em Bernburg, no mês de abril de 1942 (PRESTES, 2004).

Algumas críticas podem ser feitas na reconstrução das cenas das prisões e torturas nos campos de concentração na Alemanha, quando percebemos certa banalização da violência. Mas há de se registrar a coragem do diretor em enfrentar o extermínio judeu nas câmaras de gás ou, como assinala Cytrynowicz (2004), também poderia ter explorado melhor as cartas de Prestes e Olga. Ao mesmo tempo, o filme também demonstra simpatia pela generosidade das idéias revolucionárias defendidas por Olga Benário e Elisa Berger, destacando o papel das mulheres no processo revolucionário.

Ao assistir ao filme projetado na residência oficial da Presidência da República, o presidente Luís Inácio Lula da Silva afirmou que a divulgação dos personagens Olga e Prestes era importante, sobretudo naquele momento em que o governo investia na auto-estima do povo brasileiro e em educação política. Na mesma ocasião, o ator Caco Ciocler ressaltou as dificuldades na composição do personagem Luiz Carlos Prestes e, como judeu, também se sentiu tocado pelo anti-semitismo vivido na época retratada no filme. Nos confrontos da memória da história brasileira, o filme influenciou na proposta do senador Eduardo Suplicy de retirar o nome de Felinto Müller de uma das alas do Senado Federal, em Brasília, acusando-o de ser um dos responsáveis pela extradição de Olga para a Alemanha nazista. Para o senador, o ex-senador Müller representava um desrespeito aos direitos civis. A construção da personagem do chefe de polícia de Vargas como vilão atende “à revisão da atual conjuntura, conseguindo produzir uma heroína comunista após o descrédito do comunismo, reforçando outros elementos de sua identidade: guerreira, mulher, espiã, mãe e judia sacrificada pelo nazismo” (CERRI, 2006).



Prisão de Prestes em 1935 (Fonte: ww.cpdoc.fgv.br).

CONCLUSÃO

Podemos afirmar que a história e a imagem de Olga Benário será, de agora em diante, a que o filme construiu, pois esta biografia nos comove e mobiliza. Contudo, o filme não ousa enfrentar o mito de Vargas, responsável pelo martírio de Olga, que naquele momento simpatizava com o ideário autoritário do nazi-fascismo, talvez porque seu mito ainda estrutura determinada memória de setores expressivos da esquerda brasileira, principalmente ao ser lembrado como nacionalista e defensor dos direitos trabalhistas, como poderemos ver na próxima aula.



Olga Benário Prestes na prisão, 1936 (Fonte: www.cpdoc.fgv.br) e Getúlio Vargas em uniforme militar (Fonte: <http://www.applet-magic.com/vargas02.gif>).

ATIVIDADES

Tomando como ponto de partida o filme sobre Olga Benário, elabore um texto coletivo entre 4 ou 5 estudantes, de no máximo três páginas, sobre a forma como foram representados os seguintes acontecimentos da história mundial, que repercutiram no Brasil durante os anos 1920 e 1940: o impacto da Revolução Russa de 1917 na Europa e América Latina, a revolução abortada na Alemanha, a ascensão do nazi-fascismo, o movimento tenentista, a Coluna Prestes-Miguel Costa, o pensamento autoritário dos anos 1930, o Estado Novo, a Segunda Guerra Mundial e o início da Guerra Fria.



RESUMO

Esta aula objetivou debater os conturbados anos 1930 e 1940, a partir da trajetória da militante comunista Olga Benário, para compreender os diferentes projetos em confronto que disputavam o jogo político e como foram construídas as práticas autoritárias que desembocaram na implantação do Estado Novo (1937-1945). Depois do fracasso do levante comunista de 1935, foi fundamental a aproximação de Getúlio Vargas com a cúpula militar e o seu conseqüente afastamento dos tenentes como forma de levar adiante o seu projeto político de fortalecimento do Estado e o combate ao poder das oligarquias. Esse projeto de Vargas confluía para a estratégia de Góis Monteiro, que propunha a política do Exército e não a política no Exército.

CARTA-TESTAMENTO (24 DE AGOSTO DE 1954)

“Mais uma vez, as forças e os interesses contra o povo coordenaram-se e novamente se desencadeiam sobre mim.

Não me acusam, insultam; não me combatem, caluniam, e não me dão o direito de defesa. Precisam sufocar minha voz e impedir a minha ação, para que eu não continue a defender, como sempre defendi, o povo e principalmente os humildes. Sigo o destino que me é imposto. Depois de decênios de domínio e espoliação dos grupos econômicos e financeiros internacionais, fiz-me chefe de uma revolução e venci. Iniciei o trabalho de libertação e instaurei o regime de liberdade social. Tive de renunciar. Voltei ao Governo nos braços do povo. A campanha subterrânea dos grupos internacionais aliou-se à dos grupos nacionais revoltados contra o regime de garantia do trabalho. A lei de lucros extraordinários foi detida no Congresso. Contra a justiça da revisão do salário mínimo se desencadearam os ódios. Quis criar a liberdade nacional na potencialização das nossas riquezas através da Petrobrás e, mal começa esta a funcionar, a onda de agitação se avoluma. A Eletrobrás foi obstaculada até o desespero. Não querem que o trabalhador seja livre. Não querem que o povo seja independente. Assumi o Governo dentro da espiral inflacionária que destruíra os valores de trabalho. Os lucros das empresas estrangeiras alcançavam até 500% ao ano. Nas declarações de valores do que importávamos existiam fraudes constatadas de mais de 100 milhões de dólares por ano. Veio a crise do café, valorizou-se o nosso principal produto. Tentamos

defender seu preço e a resposta foi uma violenta pressão sobre a nossa economia, a ponto de sermos obrigados a ceder.

Tenho lutado mês a mês, dia a dia, hora a hora, resistindo a uma pressão constante, incessante, tudo suportando em silêncio, tudo esquecendo, renunciando a mim mesmo, para defender o povo, que agora se queda desamparado. Nada mais vos posso dar, a não ser meu sangue. Se as aves de rapina querem o sangue de alguém, querem continuar sugando o povo brasileiro, eu ofereço em holocausto a minha vida. Escolho este meio de estar sempre convosco. Quando vos humilharem, sentireis minha alma sofrendo ao vosso lado. Quando a fome bater a vossa porta, sentireis em vosso peito a energia para a luta por vós e vossos filhos. Quando vos vilipendiarem, sentireis no pensamento a força para a reação. Meu sacrifício vos manterá unidos e meu nome será a vossa bandeira de luta. Cada gota de meu sangue será uma chama imortal na vossa consciência e manterá a vibração sagrada para a resistência. Ao ódio respondo com o perdão. E aos que pensam que me derrotaram respondo com a minha vitória. Era escravo do povo e hoje me liberto para a vida eterna. Mas esse povo de quem fui escravo não mais será escravo de ninguém. Meu sacrifício ficará para sempre em sua alma e meu sangue será o preço de seu resgate.

Lutei contra a espoliação do Brasil. Lutei contra a espoliação do povo. Tenho lutado de peito aberto. O ódio, as infâmias, a calúnia não abateram meu ânimo. Eu vos dei a minha vida. Agora vos ofereço a minha morte. Nada receio. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na história”.

FARIA, Antonio Augusto e BARROS, Edgard Luiz de. O retrato do velho. São Paulo: Atual, 1984, p. 210-211.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JR., Antônio & MARANHÃO, Ricardo (orgs.). **Brasil História:** texto e consulta (Era Vargas). v. 4. São Paulo: Brasiliense, 1981.

ARANTES, Silvana. “Olga” casa com o público e se divorcia dos críticos. In: **Folha de São Paulo**. São Paulo, 05 set. 2004. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u47170.shtml>>. Acesso 21 jun 2007.

BORGES, Vavy Pacheco. Anos Trinta e política: história e historiografia. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). **Historiografia brasileira contemporânea**. São Paulo: Contexto, 1998.

CÂNDIDO, Antônio. Revolução de 30 e a cultura. In: CÂNDIDO, Antônio. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1987.

- CAPELATO, Maria Helena. **A propaganda política no Varguismo e no Peronismo**: aspectos teóricos metodológicos de uma análise sobre história política. História: questões e debates. Curitiba/PR, APAH, ano 14, n. 26/27, jan./dez., 1997.
- CERRI, Luis Fernando. Olga. In: **Estudios Interdisciplinarios de America Latina y el Caribe**. Universidade de Tel Aviv. Volumen 17: 2 Julio-Diciembre 2006 Disponível em: <http://www1.tau.ac.il/eial/> Acesso: 21 jun 2007.
- COUTO, José Geraldo. Morais dá aval a “Olga” romantizada. In: **Folha de São Paulo**. São Paulo, 6 de nov. 2003.
- CYTRYNOWICZ, Roney. O silêncio ausente da revolução. In: **Folha de São Paulo**. São Paulo, 22 ago. 2004.
- FALCON, Francisco José Calazans. Fascismo: autoritarismo e totalitarismo. In: SILVA, José Luiz Werneck (orgs.). **O Feixe**: o autoritarismo como questão teórica e historiográfica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991. v. 1.
- FARIA, Antonio Augusto; BARROS, Edgard Luiz de. **O retrato do velho**. São Paulo: Atual, 1984.
- FENELON, Dea Ribeiro (org.). **50 Textos de História do Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1974 (Coleção Textos).
- GOMES, Ângela Maria Castro, OLIVEIRA, Lúcia Lippi e VELLOSO, Mônica Pimenta. **Estado Novo**: ideologia e poder. RJ: Zahar, 1982.
- KONDER, Leandro. Barão de Itararé. São Paulo: Brasiliense, 1983 (Coleção Encanto Radical).
- LENHARO, Alcir. Sacralização da política. Campinas/SP: Papius, 1986.
- MOTA, Carlos Guilherme. **Cultura e política no Estado Novo (1937-1945)**. Encontro com a civilização brasileira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, n. 7, p. 87-94, 1979.
- PANDOLFI, Dulce. Os anos 30: as incertezas do regime. In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **O Brasil Republicano**: o tempo do nacional-estatismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. v. 2.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O Brasil Contemporâneo**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1991.
- PRESTES, Anita L. Revolucionária, sem perder a ternura. In: **Nossa História**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, ano 1, n. 9, p. 14-21.
- SÁ, Antônio Fernando de Araújo. **Aporelly**: o Barão do Riso. A Tarde Cultural. Salvador, 21.10.95, p. 4.
- TOTA, Antônio Pedro. **O Estado Novo**. São Paulo: Brasiliense, 1987 (Coleção Tudo é História).
- TRINDADE, Hélió. **Integralismo**: a ascensão das idéias autoritárias no Brasil. In: História do Século XX (1934/1942). São Paulo: Abril Cultural, s/d. v. 4.

GLÓSSARIO

Eleições: As eleições não são uma experiência recente no País. O livre exercício do voto surgiu em terras brasileiras com os primeiros núcleos de povoadores, logo depois da chegada dos colonizadores. Foi o resultado da tradição portuguesa de eleger os administradores dos povoados sob domínio luso. Os colonizadores portugueses, mal pisavam a nova terra descoberta, passavam logo a realizar votações para eleger os que iriam governar as vilas e cidades que fundavam.



Olga Benário: Militante alemã (1908/1942). Atuou na tentativa de implantação de um regime comunista no Brasil, no primeiro governo de Getúlio Vargas.